

FORMAÇÃO CONTINUADA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS ATUAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES ENQUANTO INTELLECTUAIS

SILVA, Rosivete oliveira.

(Prof^ª. Formadora do CEFAPRO e Mestranda) – PPGE/IE/UFMT

OLIVEIRA, Ozerina Victor de.

(Orientadora) – PPGE/IE/UFMT

Eixo-Temático: Educação e Movimentos Populares

RESUMO

Para a formação de um intelectual há que se considerar o conhecimento como práxis que articula sujeito/objeto, pensamento/ação, teoria/prática que envolve o ser humano e, querendo ou não, perpassa por um processo de construção identitária de vir a ser pessoa e profissional, forjado nas ações culturais, de poder e sociais construídas historicamente. Desde tempos remotos questiona-se “quem educa o educador” no contexto da discussão da função dos intelectuais na educação, caracterizados por alguns autores como “aqueles que pensam”. Como formadora de formadores e pesquisadora, entro nessa discussão com o objetivo de situar o papel do professor enquanto intelectual na formação continuada desencadeada no interior de um Centro de Formação de Professores. A partir da revisão de literatura, em especial das contribuições de Antônio Gramsci e Henry Giroux, caracterizo o professor enquanto intelectual, como sujeito dotado de autogoverno, capaz de se colocar como protagonista da própria formação e de liderar projetos revolucionários com seus pares. Como desdobramento, compreende-se que a formação continuada de professores só tem razão de existir dentro de um projeto coletivo e em uma instituição socialmente referenciada.

Palavras-chave: Formação, Formação de Professores e Intelectuais.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na atualidade, busca-se formação continuada em todas as profissões devido às mudanças aceleradas em todos os campos, dada a aceleração das produções tecnológicas requerendo profissionais preparados. A profissão docente também segue esse percurso de necessidades constantes de formação, produção para retroalimentar, em termos de qualidade, o processo pedagógico que lhe cabe cotidianamente. Para atender as diversas demandas que lhe são incumbidas, o professor necessita de uma formação intelectual que não termina nos bancos universitários com a graduação, mas que essa continua ao longo da profissão.

Essa formação ao longo da profissão ganha contornos específicos no interior de instituições formadoras como os Centros de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica - CEFAPROs¹. Os profissionais que atuam nesse centro têm o desafio de serem formadores de professores da Educação Básica. A função professor formador de professor requer conhecimentos específicos relacionados às diferentes áreas de conhecimentos e requer o pensar sobre não só as diferentes formas de ensino como também a compreensão da educação como fenômeno social. Tudo isso implica o cultivo e a prática da busca de saber mais.

Ao tratar do assunto, Gatti (2005, p.606) sugere que “a educação está imersa na cultura e não apenas vinculada às ciências, que foram tomadas na modernidade como as únicas fontes válidas de formação e capazes de oferecer tecnologias de ensino eficientes.” As pesquisas apontam para uma situação complexa no ato da educação sistematizada, pois é bem verdade que vivemos em um momento denominado como a era da informação e comunicação efetivada pela presença dos avanços tecnológicos. No entanto, isso não garante uma educação de qualidade, encaremos então o desafio de pesquisa no sentido de compreender as relações do ensinar e aprender na formação docente.

Em termos teóricos, no campo da educação, desde tempos remotos questiona-se “quem educa o educador” no contexto da discussão da função dos intelectuais na educação, caracterizados por alguns autores como “aqueles que pensam”.

¹ É uma instituição estadual que proporciona formação continuada aos professores da Educação Básica no Estado de Mato Grosso.

Como formadora de formadores e pesquisadora, considero essas realidades empíricas e teóricas como desafios e entro nessa discussão com o objetivo de fomentar um processo de reflexão sobre a constituição dos intelectuais e de situar o papel do professor enquanto intelectual na formação continuada situando-a a partir de um CEFAPRO.

Para a realização desta pesquisa foi feita revisão de literatura. Nessa revisão considerou-se a tradição de estudos acadêmicos sobre o tema dos intelectuais referindo-se a autores tais como: Alonso (2002), Catani (2009), Manacorda (1990), Marcondes, (2007), Marx e Engels (1986) e Vieira (2008). Considerou-se ainda, as contribuições de Giroux (1997) e Gramsci (1982), a partir dos quais se caracteriza o professor enquanto intelectual.

Como desdobramento do estudo, compreende-se o intelectual como sujeito dotado de autogoverno, capaz de se colocar como protagonista da própria formação e de liderar projetos revolucionários com seus pares. Compreende-se ainda que a formação continuada de professores só tem razão de existir dentro de um projeto coletivo e em uma instituição socialmente referenciada.

Função dos Intelectuais na Educação: Um Processo de Construção Histórica

É conhecido que desde os tempos mais remotos o Homem busca a perfeição, embora isso talvez não seja possível aos olhos de alguns porque, há sempre algo de novo a acrescentar naquilo que se fez ou faz. Desse modo, para iniciar nosso diálogo convém destacar que a educação sistematizada se perpetua ao longo dos anos nas práticas humanas, mas de um século a outro, há sempre uma exigência cada vez maior em que se criem formas mais eficientes de ensinar.

Cada momento histórico é carregado de ideologias, de movimentos revolucionários que marcam época através da interação da sociedade política com a sociedade civil. Esta interação acaba por proporcionar oportunidades de mudanças sociopolíticas aliadas às experiências reflexivas, a formação e a vivência profissional que efetivam o ser enquanto intelectual.

A consagração de instituições escolares é marcada por um longo período de lutas sociais que evidencia uma perspectiva histórica ainda em movimento, principalmente no campo universitário, porque na atualidade ainda se busca a melhoria e acessibilidade a todos os sujeitos nesta instituição consagrada como o lugar dos intelectuais.

Começa um processo de consagração desta como tal a partir do início do pensamento iluminista, ainda no século XVII, período marcado pela revolução científica. Este período culmina na compreensão do mundo físico e desenvolvimento do pensamento empírico em uma visão mecanicista. Também pela disciplinarização das ciências considerando o universo como máquina que pode ser manipulada pelo Homem.

A partir dos estudos de Marcondes (2007), no final do século XVII e início do século XVIII, compreende-se que o alemão Immanuel Kant, um dos filósofos mais importantes da era moderna, tinha como objetivo criticar as limitações do uso das capacidades intelectuais do ser humano. Embora nem todos se destaquem na vida política ou no âmbito das instituições intelectuais, todos são dotados de inteligência.

Nessa perspectiva, o chamado século das luzes defende a saída da ignorância do pensamento; acreditando que o indivíduo tem o poder de melhorar em todos os aspectos através da educação, ou seja, que os seres humanos tinham o poder de tornar o mundo melhor. Conforme o referido autor,

O pressuposto básico do iluminismo afirma, portanto, que todos os homens são dotados de uma espécie de *luz natural*, de uma *racionalidade*, uma capacidade natural de aprender, capaz de permitir que conheçam o real e ajam livre e adequadamente para a realização de seus fins. (MARCONDES, 2007, p. 207).

Considerando esta idéia posta por Marcondes anteriormente, o ser é dotado de potencialidades para aprender naturalmente. Isto não exige a presença do outro para a constituição do sujeito humano, tão pouco para a efetivação da aprendizagem. Precisa-se da figura do outro, do professor, no caso de apreender os conhecimentos sistematizados. É a partir das vivências culturais do sujeito, na intersubjetividade, que o aprender e ensinar se concretiza. Sempre haverá algo que se poderá ensinar ou aprender nas relações com o outro,

Vê-se, portanto, que os desafios são apresentados pelo próprio contexto de mudança social marcada pela temporalidade, com possibilidades de vir a ser ancorados em um passado em busca de um futuro no presente. Este último, considerado como o instante “[...] onde o passado termina e o futuro começa.” (CATANI, 2009, p. 14).

Nesse sentido, estamos sempre em movimento do passado ao presente ou vice-versa para encontrar explicações do agora, que é o que se propõe para continuar o diálogo sobre os intelectuais.

Segundo Vieira (2008, p. 70), no final do século XIX, a palavra intelectual nasce na França do caso Dreyfus². O autor afirma que, “na história intelectual a emergência e o uso coloquial das palavras intelectuais e intelligentsia representavam uma mudança significativa de percepção, em função de uma mudança no comportamento político das elites cultas.” (VIEIRA, 2008, p. 71).

Com isso surgem conflitos na diferenciação do homem comum, do político e do intelectual. O terceiro compreendido como produtores de conhecimentos, pertencente às instituições intelectuais, uma grande maioria pertenciam também à carreira política. Contudo, em vários lugares (Europa, Inglaterra, França, Brasil, etc.) surgem os movimentos intelectuais, fervilha as idéias separatistas do “campo político e outro intelectual”, mas, a intervenção acadêmica na política era significativa. Na Inglaterra, a intervenção dos intelectuais na política era massiva. Na França, preservava a idéia de que o intelectual tinha um compromisso político, portanto compromisso social individualizado que caracterizava o protagonismo intelectual na política. Alonso vem dizer que:

Movimentos intelectuais são uma modalidade de movimento social. Por sua vez, movimentos sociais são uma das formas modernas de ação coletiva, que surgem com o enfraquecimento das formas tradicionais de expressar demandas, seja por sua ineficácia, seja pelo aumento da participação política. (ALONSO, 2002, p. 41)

Que nesse caso o movimento ocorreu mais pelo aumento da presença dos intelectuais no campo da política, pela própria natureza da atividade exercida e em função do poder retórico, já que este é um ser culto, possui engajamento crítico e através da política, jornais, revistas e outros meios, disseminavam suas idéias.

Século XX, o termo intelectual se transforma em objeto de pesquisa e consolida o espaço acadêmico universitário como instituição intelectual. Destacam-se grandes nomes de intelectuais; dentre eles John Dewey, americano, psicólogo, filósofo, educador; um dos mais importantes intelectuais da época. Mas, o foco do diálogo ao longo do texto será outros pensadores deste século não menos importantes, mas contribui significativamente para o a análise da função do intelectual no processo educativo.

De modo que, para caracterização do professor enquanto intelectual, primeiramente enveredar-se-á pela compreensão de Gramsci que apresenta “[...] a idéia

² Capitão de artilharia Alfred Dreyfus, condenado pelo Conselho de Guerra, por espionagem e traição à pátria na França em 1898, causou um manifesto denominado pela opinião pública, como “Manifesto dos Intelectuais”.

do intelectual como dirigente organizador da cultura [...]”; (VIEIRA, 2008, p. 67). Em seguida, para o conceito de professor como intelectual como produtor de capital cultural, presente na obra de Giroux, e, por fim, Freire com concepção de ensino que respeita a linguagem e saber do educando no processo formativo.

Antonio Gramsci pensador italiano que se fundamenta no materialismo histórico, filósofo, escritor e político; acreditava que se podia elaborar uma educação que desenvolvesse intelectuais de classe trabalhadora (pedagogia crítica e educação popular), que muito influenciou e contribuiu para a pedagogia de Paulo Freire na educação brasileira. Lutou para que fosse criada a escola única de cultura geral capaz de desenvolver o indivíduo para o trabalho manual e intelectual, um ensino que sucumbisse a divisão de escola clássica que era destinada às classes dominantes e intelectuais e escola instrumental a classe trabalhadora manual. (GRAMSCI, 1982, p.118).

[...] Parece bastante evidente que a escola única intelectual e manual pensada por Gramsci não pode ser interpretada como sendo a escola do humanismo clássico (e do trabalho ativista), exceto se esquecermos e distorcemos todo o seu discurso sobre valores da cultura moderna “do tipo americano”, que envolve tanto o problema dos conteúdos (instrução) quanto o problema da ordem intelectual e moral (educação). (MANACORDA, 1990, p. 178).

No início de seu livro, “Os Intelectuais e a Organização da Cultura”, Gramsci faz a seguinte indagação: OS **INTELECTUAIS** constituem um grupo social autônomo e independente, ou cada grupo social possui sua própria categoria especializada de intelectuais? (GRAMSCI, 1982, p.3). O mesmo responde que existem várias formas nas diversas categorias intelectuais, dentre elas as mais importantes nascida no mundo da produção econômica – os empresários (alguns capazes de gerenciar bens e comandar seus empregados), também os feudais (detentores de capacidade técnica-militar), coloca que a partir desta categoria econômica surgiu um segundo. Em outras palavras aponta à existência de tipo intelectual tradicional fortemente aliada a ideologia dominante, a classe dominante por ser um grupo autônomo e a categoria de intelectual orgânico, que surge a partir de um grupo específico que se dedicam a defender a ideologia destes.

Segundo Gramsci, o desenvolvimento histórico cultural do povo se dá a partir do trabalho comunitário, um exemplo disso é o trabalho docente que visa educar as massas para viver no mundo e com o mundo capitalista.

É oportuno compreender que tanto um como o outro tem uma função hegemônica cultural.

Gramsci ainda afirma que: “todos os homens são intelectuais: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais.” (GRAMSCI, 1982, p.3).

Ele defende a idéia de que todos os homens pensam, todos os homens são filósofos, logo são também intelectuais apesar de haver a distinção de trabalho manual (esforço muscular-nervoso) e trabalho intelectual (esforço de elaboração intelectual-cerebral).

É compactuando com a idéia de que todos os sujeitos são intelectuais que Giroux coloca o professor como sujeito pensador capaz de transformar a realidade e ser também transformado.

Giroux é um dos pensadores da educação mais importantes da época moderna, autor, professor universitário, com visão crítica conduzidora do pensar sobre ensino como forma de política cultural historicamente construída capaz de transformar o mundo através da execução de uma Pedagogia Crítica em escolas e instituição de Formação dos Formadores. Em sua definição: “O intelectual é mais do que uma pessoa das letras, ou um produtor e transmissor de idéias. Os intelectuais são também mediadores, legitimadores e produtores de idéias e práticas sociais; eles cumprem uma função de natureza eminentemente política.” (GIROUX, 1997, p.186). Nessa perspectiva as escolas têm que ser locais de lutas de reformas educacionais em defesa da ideologia almejada, porém, exigem-se professores com engajamento político, na medida em que não se pode agir na neutralidade é preciso assumir uma ideologia de luta, na medida em que professores tanto podem contribuir para a hegemonia dominante, quanto atuarem como fator contra-hegemônico (como intelectuais transformadores).

“Para os intelectuais transformadores, a pedagogia como forma de política cultural deve ser compreendida como um conjunto concreto de práticas que produzem formas sociais através sãs quais diferentes tipos de conhecimento, conjuntos de experiências e subjetividades são construídas.” (GIROUX, 1997, p. 31).

Complementa ainda explicando que “[...] político, neste sentido, significa possuir os instrumentos cognitivos e intelectuais que permitam uma participação ativa em tal sociedade.” (GIROUX, 1997, p. 87).

Uma pedagogia de certa forma, fortemente influenciada pela Pedagogia Libertadora de Freire, com vista a colocar a teoria na prática possibilitando o professor a lutar, em uma perspectiva contra-hegemônica. Com vista a proporcionar formação crítica com conteúdos que encaminhe o sujeito ao pleno desenvolvimento.

Isso equivale dizer que as contribuições dos pensadores Gramsci e Giroux são importantes para auxiliar o professor a compreender sua identidade como o intelectual da educação, assumir novas posições entre “conhecimento e poder, fazer e agir”, com intuito de tornarem-se capazes de buscar sua própria formação, ou seja, se inscrever num projeto de futuro, no presente; a partir das suas experiências adquiridas com seus

mestres, com os livros, nas relações pessoais e de trabalho que promova autonomia e potencialize a possibilidade do professor ensinar e aprender contínuo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O breve retrospecto histórico feito em torno dos séculos citados, assim como também o pensar de Gramsci sobre os intelectuais, e de Giroux sobre esta mesma vertente em relação ao professor acima foi importante para situarmos os intelectuais ao longo dos séculos, também para nos auxiliar na compreensão do professor formador do CEFAPRO como intelectual que busca imprimir qualidade em sua trajetória profissional, tornando-se produtor de conhecimentos e incentivador da realização de novas práticas pedagógicas e produção referente ao contexto da prática de sala de aula num processo de formação continuada.

Em pleno século XXI, há intelectual ligado apenas ao campo acadêmico produzindo conhecimentos (artigos, teses, livros) outros além de pertencer a uma instituição intelectual também possui um engajamento político. Há outros que se expressam de diversas formas: nas obras literárias, as artísticas, científicas e industriais ligados a um campo universitário ou não, pois cada campo produz, testa e sistematiza conhecimentos, os transformam em propriedade intelectual para que seja utilizado no consumo e /ou preparação de outros profissionais da área.

É oportuno dizer que; cada pensador nos diversos cantos do mundo, cada um em sua época, levam outros a pensarem sobre algo produziram conhecimentos sistematizados estando ligado a política diretamente ou não, como o ex-presidente da república brasileira Fernando Henrique, mas, de algum modo revolucionaram sua época e construíram histórias, que auxiliam na compreensão do momento vigente, pois o processo de construção embora não linear é marcada por continuidade e rupturas carregadas de cultura social.

Atualmente, há professores mais qualificados, mas, por outro lado, mais proletarizados, porque são submetidos ao salário, complementos salariais que os leva a perder a perspectiva de engajamento de luta.

Embora tenha muitas conquistas vive-se em uma sociedade capitalista classificatória, onde as desigualdades sociais estão presentes. Talvez por isso a preocupação por parte do sistema educacional na formação docente e na construção de

um currículo adequado às necessidades atuais na perspectiva de ofertar uma educação de qualidade e/ou que responda aos índices de qualidade exigidos.

Portanto, a educação escolarizada a que considerar a pluralidade cultural, as diversidades de saberes, as diferenças individuais presentes no espaço escola e investir mais na Formação dos Formadores para que se possam ter condições de oferecer aos seus pares uma Formação Continuada que realmente os auxiliem na práxis reflexiva de ação concreta, afinal bem disse Marx:

A doutrina materialista segundo a qual os homens são produtos das circunstâncias e da educação e, portanto, segundo a qual os homens transformados são produtos de outras circunstâncias e de uma educação modificada, esquece que são precisamente os homens que transformam as circunstâncias e que o próprio educador deve ser educado. (MARX & ENGELS, 1986, p.126).

Assim retornamos a questão de formação, mas especificamente da continuada de professor, como processo dinâmico de humanização. O sujeito se inter-relaciona para produzir e também para se apropriar da cultura, isso ocorre na convivência coletiva. Deste modo, “[...] é preciso desenvolver programas nos quais os futuros professores possam ser educados como intelectuais transformadores que sejam capazes de afirmar e praticar o discurso da liberdade e democracia.” (GIROUX e MCLAREN, 1997, p. 196). Pois mesmo sendo o sujeito professor formador de professores do CEFAPRO que se educa em relação à apropriação do conhecimento científico / sistematizado ou não, ao gerenciar sua própria formação, necessita ser acompanhado, direcionado, no sentido de receber condições estruturais físicas e pedagógicas, para mediar suas aprendizagens. Uma ação convém ser efetivada considerando que:

Desse modo o professor Formador do CEFAPRO, apesar de estar comprometido de atuar aos interesses do estado, tem consciência do papel da educação sistematizada e se assume como administrador, gestor de sua própria formação e execução de sua prática pedagógica alternativa. Modifica a outros professores e se modifica. Desempenha, portanto um papel de intelectual transformador; que além de resistir algumas imposições postas socialmente, assume uma pedagogia que transforma a prática, influencia e contribui para uma sociedade mais justa. Acredita que é preciso incorporar ideologia de desenvolvimento e inovação nos conteúdo curricular bem recomendado por Giroux em seu pensamento autoreflexivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Ângela. **Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império.** São Paulo, Paz e Terra, 2002, 392 pp.

CATANI, Denice Barbara. Um Pensamento fecundo da história da educação. Revista Educação – Editora Segmento Pedagogia Contemporânea. São Paulo, V. 3, p. 12-27, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire.** – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

GATTI, Bernardet A. **Pesquisa, educação e pós-modernidade: confrontos e dilemas -** Cadernos de Pesquisa, versão impressa ISSN 0100-1574. Cad.Pesqui. vol.35 no.126 São Paulo set./dez.2005.

GIROUX, Henry A. **Os Professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem / Henry A. Giroux; trad. Daniel Bueno.** – Porto Alegre : Artes Médicas, 1997.

_____ e McLAREN. A Educação de Professores e a Política de Reforma Democrática. In: GIROUX, Henry A. **Os Professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem / Henry A. Giroux; trad. Daniel Bueno.** – Porto Alegre : Artes Médicas, 1997.

GRAMSCI, Antonio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª edição. Editora Civilização Brasileira S.A – Rio de Janeiro/RJ, 1982.

MANACORDA, Mario A. **O princípio Educativo em Gramsci.** Trad. William Lagos, Série Educação, ed. Artes Médicas, Porto Alegre / 1990.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação a história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein / Danilo Marcondes.** – 11ª ed. ver. E ampliada. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã (I – Feuerbach),** Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 5ª ed. Editora Hucitec, São Paulo, 1986.

VIEIRA, Carlos Eduardo. **Intelligentsia e intelectuais.** Revista Brasileira de História da Educação. SBHE – Sociedade Brasileira de História da Educação. janeiro/abril de 2008, nº 16.